

O DESENHO INFANTIL COMO FORMA DE SER E ESTAR NO MUNDO

LENIARA RODRIGUES DA SILVA¹; FLÁVIA BITENCOURT²; JOSIELE REIS³; TÂNIA SCHMALS⁴; MIRELA MEIRA⁵

INTRODUÇÃO

O presente estudo reflete acerca da importância da arte e do desenho infantil na construção de sujeitos como forma de ser/estar no mundo, manifestação subjetiva e íntima, que exprime sentidos singulares, procurando entender como funcionam essas criações, seus sentidos e possibilidades na construção de cidadãos capazes de experimentar, criar e transformar a realidade em que vivem. Surge de práticas investigativas da disciplina de Práticas Educativas VI, Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação/UFPel, Pelotas, RS que se propunham analisar manifestações gráfico/plásticas⁶ através de desenhos de 0 a 17 anos a partir de autores como Lowenfeld, Brittain (1979); Castel (2012); Richter (2004); Pillar (2012).

Recortamos aqui essa pesquisa abordando somente a *Fase Figurativa Esquemática*, que demarca uma radical mudança no grafismo da criança, e se inicia pela elaboração/organização de *símbolos*, coincidindo com a aquisição da escrita. Nessa fase, após distintas experiências, acontece a aquisição do *conceito do homem em seu meio*. A criança começa a desenvolver a capacidade de compartilhar e compreender sentimentos alheios, constrói seus *esquemas de representação* referidos a um *conceito* a que chegou, ou à *representação* de algo após muita experimentação, e que repetirá até que outra experiência influencie sua

Embora de um lado os esquemas sejam uma representação universal, de outro são individualizados, e suas diferenças, que dependem de vários fatores, nunca serão iguais ou análoga, mas sim dependentes de fatores como *diferenças de personalidade* e capacidade do professor em ativar o conhecimento da criança enquanto conforma seu próprio conceito. Aqui surge o *Esquema*, forma-tipo geral que se repete de forma rígida e estereotipada (animais, prédios, plantas, transportes etc.). É determinado *pelo modo* como a criança vê algo e atribui significado emocional, pelas impressões táteis ou forma como o objeto funciona. O processo de ensino-aprendizagem, contudo, constitui-se de um conjunto de experiências individuais e coletivas, e o comportamento das crianças se enraíza nos contextos coletivos, históricos e sociais. As relações humanas podem crescer a partir de interações que se estabeleçam e se refletem nas crianças, além de suas experiências prévias e as vivenciadas no contexto escolar, e ainda as motivações dos educadores, suas concepções e expectativas. O papel do educador abrange, portanto práticas que contribuam para formar cidadãos solidários e capazes de transformar o mundo social. Assim, a partir de uma concepção do desenho como forma de ser e estar no mundo, refletimos sobre como o desenho se constitui para a criança, sua significação e importância no processo de construção cognitiva como representação universal e manifestação humana. Para Pillar (2012) o *desenho* é todo

¹ Universidade Federal de Pelotas/ Pedagogia – leniarasilv@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas/ Pedagogia – flavitagraduacion@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas/ Pedagogia – josithaisreis@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas/ Pedagogia – tania.s2005@ig.com.br

⁵ Universidade Federal de Pelotas/ Pedagogia. Orientadora. mirelameira@gmail.com

⁶ O grafismo (desenho) / Plasticismo (pintura) se dividem em três grandes etapas, com fases distintas: Etapa *Não figurativa*, *Pré-Figurativa* e *Figurativa*. *Não Figurativa* (0 a 3 anos): as garatujas passam de desordenadas a ordenadas; *Pré Figurativa Pré-Esquemática* (3-5 anos): incapacidade sintética, figura humana incompleta; *Figurativa Esquemática* (6-9 anos): representação completa do corpo humano que a partir daí sofre acréscimo de detalhes e *realismo conceitual* crescente. Aqui surgem os *Esquemas*.

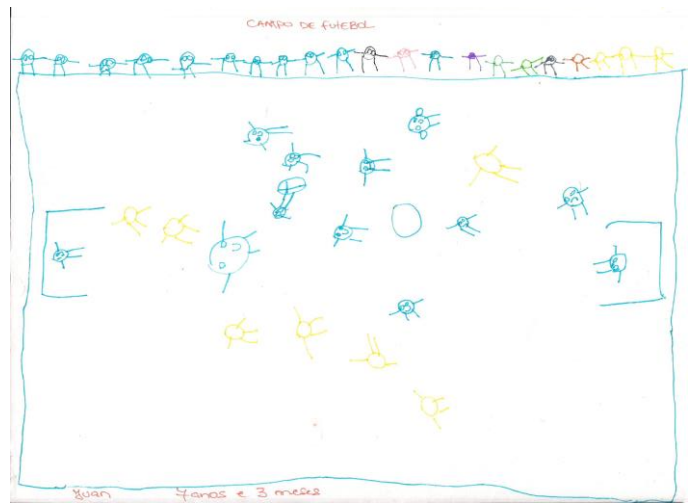
aquele trabalho gráfico *que não é cópia, mas construção interpretativa* dos objetos num dado *contexto histórico e sociocultural*. A criança não desenha o que pensa nem o que deveria ver, mas um *signal ou símbolo* que gradualmente se precipita como *resíduo de respostas sensoriais totais ao objeto*.

METODOLOGIA

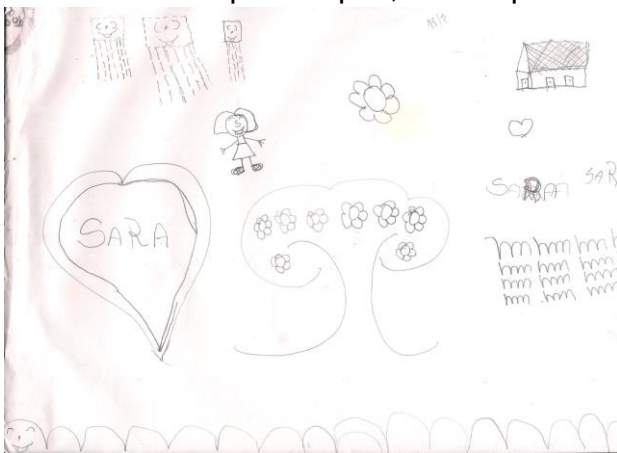
Foram escolhidos quatro desenhos de crianças entre 07 e 09 anos, classificados de acordo com as etapas descritas previamente, e analisados segundo critérios como materiais e técnicas utilizados, espaço, forma, cor, textura, movimento, figuração, elementos narrativos, metáforas e formas de entender e representar o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro desenho, de J., 07 anos e 03 meses, representa um jogo de futebol com a figura humana ainda pré-esquema, corpo e cabeça representados por um único círculo com pequenos círculos e semicírculos, de onde saem braços e pernas. Não mostra roupas ou outras partes do corpo. A referência é sua própria existência cotidiana, o campo de futebol ocupa toda a folha e demonstra sua consciência das relações nele, quando o *rebate*, como dobrasse e desdobrasse a folha. Isso revela sua



experiência e vivência subjetivas da cena. Dispensa importância ao esporte ao priorizar mais detalhes para um time que se supõe ser o seu, pois as cores de *seu time* também colorem o campo. A partir dessa representação, talvez J. perceba que os goleiros fazem parte dele e não do time em si, pois parte dele, supostamente *adversário*, é representado com menor número de jogadores, torcedores e jogadores reservas, o que expõe sua importância ao fato; o time *adversário* é representado menor e com cor mais clara, e sem bocas. A criança distingue expressando o que é importante para si, na configuração, tamanho ou disposição ou cores. Encontra-se na fase *Pré-esquemática*, embora já tenha 07 anos, corroborando que individualidades e subjetividades dos desenhos se dão não em função não da idade cronológica, mas de uma fase evolutiva não determinada por tempos, mas experiências, motivações e explorações.



No desenho 02, de S., 07 anos (ao lado), a linha de base possui modificações de planos, ou, inclui mais de uma linha de base. Isso é de um desenvolvimento posterior e constitui um passo no sentido da *perspectiva*, conceito observado nos diferentes pontos de vista que a criança pode estar construindo ao criar cenários distintos, como se narrasse uma história, a história do seu dia. Pode relatar uma rotina também, ou a consciência da passagem do tempo, pois sol e lua, um em cada canto da folha,

representam diferentes momentos do dia. A casa afastada mostra a noção tanto de perspectiva como de tempo: do início ao fim do seu dia. A *proporção afetiva* é presente ao incluir elementos fantásticos e simbólicos como o coração com seu nome dentro,

corações e flores soltas e a fisionomia do esquema humano com expressão de felicidade. O tamanho que utiliza para determinados elementos intensifica em qual deles se sente mais alegre, legitimando o que Lowenfeld e Brittain (1979) afirmam: *desenhar é compreender a si e ao meio*. O esquema humano diferencia sexo, pés, mãos, símbolos, olhos, nariz e boca, busca *realismo visual* para casa e árvore.



P., de 08 anos, desenha no centro ocupando toda a folha um castelo grande. Árvores e flores são pequenas, o que demonstra uma proporção *afetiva*. É protagonista da representação, mas pessoas de diferentes sexos estão no interior do castelo: constrói assim o conceito de *realismo visual*. Inclui cores, progredindo em *categorizar e agrupar coisas em classes*, e *generaliza*, escolhe a mesma cor do objeto que pinta, encontrando certa ordem lógica

no mundo, estabelece relações concretas com o meio. O esquema humano é simples, sem detalhes, mas o da árvore e flores inclui traços curvos. As formas geométricas são rígidas, retas, utiliza a régua para aperfeiçoar o traço. Seu uso no traço linear demonstra a interferência adulta no desenho, é um *traço ensinado*, uma imposição *adulta, artificial*, que *destrói a criatividade espontânea da criança*. P. representa a *Linha de base* e inclui os objetos numa relação espacial comum, o que revela sua compreensão como parte do meio. Nessa idade a criança não se preocupa *com os aspectos formais da arte*, pois esta é *expressão pessoal*. Não é consciente da *beleza* do que faz nem pretende *enfeitar espontaneamente o objeto*. Ela não estabelece uma relação mútua entre elementos árvore, homem, automóvel, por exemplo, mas *pensa* que está no chão, o automóvel está no chão, a grama cresce no chão, a lama está no chão, estamos no chão. É o primeiro conhecimento consciente de que é parte de seu meio.

No desenho ao lado, M., (08 a.) a *Linha de base* verde alude à grama. Objetos



coloridos se relacionam a ela, o que leva a concluir que se compreende como parte do meio, sendo capaz de categorizar, classificar, agrupar e se relacionar com este a partir da construção de seu esquema de cor. Isso indicaria uma capacidade em evolução do *pensamento abstrato*, ao *generalizar a outras situações a partir de suas próprias experiências* e se deleitar quando cria, desenha ou pinta algo de sua idealização (LOWENFELD, BRITAIN, 1979). A cor se *funde com a memória*, com expectativas. Os

esquemas de cores significam a descoberta da afinidade entre cor e objeto: não existe uma cor certa, a *construção dos conceitos está diretamente ligada à combinação* de fatores como *processo mental, conscientização de seus próprios sentimentos e desenvolvimento de sua sensibilidade perceptual*. O Esquema humano se fortalece, repete e é tratado nas diferentes partes do corpo: cabeça com olhos, nariz e boca; braços, pernas. Busca *realismo visual* na diferenciação dos sexos pelas roupas, cabelos, figuras, mãos, dedos, estes exagerados. Isso não seria propriamente *exagero*, mas criação de relações dimensionais *reais entrelaçadas em suas experiências subjetivas, corporais (sensações) e emocionais*. Pinta seu olhar acerca do mundo a

partir de suas vivências, medir e comparar partes do corpo não significa nada, pois se vincula às próprias experiências e retrata, subjetivamente, o mundo da criança, e, ao mesmo tempo, elabora a noção de espaço: céu acima, chão abaixo, sol e nuvem em cima e demais figuras no chão. O desenho demonstra afetividade entre duas figuras humanas ao expor o pensamento de uma delas, demonstrando sua importância, importância emprestada também à árvore (esquema) colorida, peculiarmente com uma fruta suspensa e com um bicho saindo de dentro; conta uma história de vida, comunica, narra, interpreta, lê e compreende seu mundo, expressando íntima e subjetivamente suas marcas dele.

CONCLUSÕES

Nas análises apresentadas, três crianças já atingiram a *Fase Esquemática* e uma ainda se encontra na *Pré-esquemática*. Nessa idade, a criança surpreende com a criatividade e o conteúdo de seus desenhos, mas conforme o que vivencie, deixará de desenhar, sua capacidade criadora se cristalizará em um ou outro estágio. É importante então que o professor veja seus alunos desenharem, o compreenda e conheça, e, se for o caso, interfira para a criança avançar no desenho. Embora o grafismo infantil seja pauta de estudo em distintas áreas, aqui é entendido como *atitude humana*, forma de ser e estar no mundo, insumo na construção da pessoa como ser social. A criança e o humano, desde os primeiros rabiscos a partir do desenho marca sua forma concreta de percepção de mundo, gradualmente, à medida que estabelece relações com o meio e o significa a partir de experiências.

Se for uma construção humana a partir de *hipóteses*, experiências subjetivas e relações, *não há certo, errado*, ou uma *única* forma de desenhar. A *presença do esquema* indica que a criança *deixou de pensar em si mesma como centro de seu ambiente*, está mais cônica de si mesma, e numa linha de base, vê-se *em relação a outros* (LOWENFELD; BRITAIN, 1979). A criança *se transfere para a ponta do lápis*, cada traço mergulha na fantasia para completar seu mundo para construir conceitos a partir de percepções internas, desenvolvendo-se através do desenho. Variações do esquema, linha de base, realismo (conceitual e depois visual), legendas, proporção afetiva, traço, forma e cor indicam como cada uma se coloca no mundo e o percebe. O desenvolvimento da criança revela o mundo em que vive, o que se reflete no senso pictórico: ao perceber as cores das coisas, *subjetiva*: coisas possuem cores fixas e em outras dependem do observador. Através de gestos, marcas pictóricas, gráficas, numéricas, mediatiza sua relação com o espaço e o outro, comunga sensações, ideias, *faz cultura com o outro* (RICHTER, 2004). O que diferencia essa atividade das aulas convencionais é a possibilidade de criação de significados plenos, conteúdos integrados nas diversas disciplinas que assumem formas construídas a partir de eixos geradores que contemplam, portanto, a elaboração de conceitos, categorias, imaginação e sensibilidade estética (CASTELL, 2012).

Embora em muitas escolas o grafismo seja pouco ou quase nada explorado, *distração ou atividade sem objetivo*, ele não é mero *rabisco* ou *arte*, mas construção puramente humana. É arte o rabisco que transforma, inspira, gera vida, transcende a morte, ultrapassa limites e constrói relações capazes mudar o mundo. É, portanto, imprescindível à educação, primordial para formar cidadãos que atuem *na ponta do lápis*, cria inúmeras possibilidades de relações ao autenticar o ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELL, C.P. **Pela linha do tempo do desenho infantil** Rio Grande: FURG, 2012.
LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. S. Paulo: Mestre Jou, 1979.
PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. P. Alegre: Penso, 2012.
RICHER, Sandra. **Criança e pintura**. Porto Alegre: Mediação, 2004.